

Ritual da Menina Moça, uma Reafirmação da Cultura Tenetehara

Ritual de la “Menina-Moça”, una Reafirmación de la Cultura Tenetehara

Ritual of the Young Women, a Reaffirmation of Tenetehara Culture

Denise Machado Cardoso

Vanderlúcia da Silva Ponte

Cristiane Modesto do Nascimento

Ytapytire Farias dos Reis Tembé

Yeré Tembé

Resumo: O estudo corresponde à análise antropológica da Cultura e Identidade dos povos Tenetehara-Tembé, a partir do *Ritual da Menina Moça*, uma festa ritualística feita no período da primeira menstruação das meninas que vivem nas aldeias, demarcando o final da puberdade e o início da vida adulta. O atual trabalho é composto pelos resultados preliminares alcançados no subprojeto intitulado *Itinerário das práticas terapêuticas de cura*, que está vinculado, por sua vez, ao projeto de extensão *“Wa Zemukatuhaw: práticas terapêuticas, território e cultura”* (2015/2016). Utilizou-se o método etnográfico e constatou-se que este ritual possui importância substancial para a organização social, econômica e política, contribuindo para a afirmação e resistência de sua cultura e identidade Tenetehara-Tembé.

Palavras-chave: Tenetehara-Tembé. Ritual da Menina Moça. Identidade.

Resumen: El estudio corresponde al análisis antropológico de la Cultura e Identidad de los pueblos Tenetehara-Tembé, a partir del Ritual de la “Menina-Moça”, una fiesta ritualística hecha en el período de la primera menstruación de las niñas que viven en las aldeas, demarcando el final de la pubertad y el inicio de la vida adulta. El actual trabajo se compone de los resultados preliminares alcanzados en el subproyecto titulado *Itinerario de las prácticas terapéuticas de curación*, que está vinculado, a su vez, al proyecto de extensión *“Wa Zemukatuhaw: prácticas terapéuticas, territorio e cultura”* (2015/2016). Se utilizó el método etnográfico y se constató que este ritual tiene una importancia sustancial para la organización social, económica y política contribuyendo a la afirmación y resistencia de su cultura e identidad Tenetehara-Tembé.

Palabras clave: Tenetehara-Tembé. Ritual de la “Menina-Moça”. Identidad.

Abstract: The study corresponds to the anthropological analysis of the Culture and Identity of the Tenetehara-Tembé people, starting with the Ritual of the Young Girl, a ritualistic celebration made during the period of the first menstruation of the girls who live in the villages, marking the end of puberty and the beginning of adult life. The current work is composed of the preliminary results achieved in the subproject entitled *Itinerary of Therapeutic Healing Practices*, which is linked to the extension project *“Wa Zemukatuhaw: Therapeutic Practices, Territory and Culture”* (2015/2016). The ethnographic method was used, verifying that this ritual has substantial importance for the social, economic and political organization, contributing to the affirmation and resistance of its Tenetehara-Tembé culture and identity.

Keywords: Tenetehara-Tembé. Ritual of the Young Women. Identity.

Denise Machado Cardoso – Professora Associada da Universidade Federal do Pará. Coordena o Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas (GEPI). E-mail: denise@ufpa.br

Vanderlúcia da Silva Ponte – Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará. Coordena o Grupo de estudos Interculturais Pará-Maranhão (GEIPAM). E-mail: vantutorapa@gmail.com

Cristiane Modesto do Nascimento – Graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Bolsista no projeto We Zemukatuhaw: práticas terapêuticas, território e cultura dos Tenetehar-Tembé. E-mail: sircmodesto@gmail.com

Ytapytire Farias dos Reis Tembé – Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Pará. Bolsista no projeto We Zemukatuhaw: práticas terapêuticas, território e cultura dos Tenetehar-Tembé. E-mail: Ytareis20@gmail.com

Yeré Tembé – Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará. Bolsista no projeto We Zemukatuhaw: práticas terapêuticas, território e cultura dos Tenetehar-Tembé. E-mail: edinetetembe@gmail.com

INTRODUÇÃO

A juventude é um tema relevante em tempos atuais e vem ganhando destaque desde a segunda metade do século XX. Os movimentos sociais, os dilemas do período Pós-Guerra, as alterações no mundo do trabalho e diversas outras realidades passaram a impactar jovens em diferentes contextos e regiões. As dinâmicas do século passado foram sentidas e vivenciadas conforme especificidades dos grupos sociais mais amplos e, em contextos etnicorraciais específicos, se apresentaram de modo mais contundente. Contudo, cabe ressaltar, ainda, que, em relação aos jovens, estas particularidades devem ser levadas em consideração tanto no trato acadêmico quanto nas políticas públicas. A exemplo disso temos os dilemas relacionados à juventude nas áreas urbanizadas, onde jovens negros e negras são vítimas de violência em número bem mais elevado que outros jovens.

Além disso, cabe debater sobre a juventude a partir de diferentes marcadores sociais, como são os casos daqueles que envolvem questões de gênero, raça e classe. Propomos, neste estudo, voltar a atenção para as questões relativas aos grupos indígenas da Amazônia, precisamente ao povo Tenetehara-Tembé, especialmente no que diz respeito à concepção que este povo tem acerca da passagem da vida de criança para a vida adulta. Este tema é importante para este povo, que teve como foco de luta a manutenção de seu território, de suas práticas e de seus conhecimentos. A proposta de estudo centrou-se, portanto, no enfoque antropológico sobre o ritual da Festa da Menina Moça, por ser um momento importante e propício de observação da passagem para a vida adulta.

1. Considerações conceituais sobre infância e juventude

O que é ser criança? Como se pensa a criança em termos da chamada “sociedade ocidental”? Pode-se afirmar que ela é concebida de maneira diferente da infância, porque criança é como se fosse marcada mais pela questão temporal, marcada pelo tempo de sua idade, ou seja, é aquele momento que começa no nascimento abrangendo até, aproximadamente, os doze anos de idade. Esta percepção se revela principalmente no que se refere à legislação, como é o caso, por exemplo, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A infância recebe um outro sentido, pois traz em seu bojo um entendimento mais social e cultural. Diante disso, é importante destacarmos que interpretações equivocadas podem ocorrer, principalmente, quando se confundem os termos e contextos. Ou seja, existe a criança, mas não necessariamente existe a infância. A infância é uma prática cultural, uma identidade sociocultural, e a criança remete a termos mais biológicos e é classificada por faixa etária, com características de desenvolvimento.

Não há apenas a criança, há *as crianças*. Assim, é importante tratar no plural e nas várias possibilidades de existência e práticas socioculturais. E, mesmo quando se tratam de aspectos biológicos, há diferenciações, seja em termos de conflitos sexuais, seja por uma questão de transexualidade, seja uma questão de ser uma pessoa com deficiência, seja por uma questão de características por ser hiperativo, ou por algumas questões no desenvolvimento que se moldou. Então, há variações, pois existe uma infinidade de possibilidades de ser criança. Diante disso, é importante trazer essa complexidade para o debate. A multiplicidade presente no ser uma criança ou jovem indígena é diferente de investigar uma criança não indígena, que é diferente de pesquisar sobre uma criança quilombola, que é diferente de trabalhar toda diversidade em termos rurais e urbanos e assim sucessivamente.

Assim como ocorre nos debates conceituais sobre criança e infância, observa-se o mesmo em relação à adolescência e juventude. Enquanto a adolescência é marcada pelo aspecto do desenvolvimento, a juventude traz um sentido cultural. Desse modo, quando se consideram essas deno-

minações como se fossem sinônimos, isso pode acarretar interpretações equivocadas e limitantes. A juventude para Philippe Ariés (1973) tem um peso simbólico muito forte, pois as pessoas na chamada “sociedade ocidental” tendem a valorizar mais a juventude. Há determinadas práticas que tentam prolongar a juventude, seja a pessoa fazendo intervenções cirúrgicas para manter a aparência de jovem, ou determinadas práticas que levem a pessoa a ser considerada como tal (exercícios físicos, vestuário e dietas específicas para este fim).

Quando se debate “o que é ser jovem?”, isso varia de tal modo que não há indicação de uma faixa etária precisa. A juventude é vista, portanto, como alguma coisa que, simbolicamente, tem um peso muito positivo, é valorizada. Então ser jovem é algo que agrega valor. Ao contrário, ser velho e envelhecer perde importância nesta sociedade. Eventualmente, pode haver um discurso que ame-nize essa desvalorização da velhice; até se fala Terceira Idade, Melhor Idade, dentre outros. Mas, se envelhecer é algo negativado nesta sociedade, ela não o é em outras. A juventude passa a ser tratada segundo sua capacidade de elasticidade, uma ideia que se apresenta como um período que começa junto com a adolescência, junto com a puberdade, mas que pode ser ampliado indefinidamente. Então, ser jovem em sociedades não indígenas implica algo positivo, enquanto que a velhice e a infância são vistas de maneira negativada. A criança é vista como um ser inacabado, o jovem como um momento bastante valorizado devido sua plenitude, e a pessoa velha é desvalorizada em quase todos os seus aspectos.

É importante considerar os processos históricos, pois, se antes não se consideravam as crianças, também não se considerava a infância. Neste sentido, a obra "Emílio", de Rousseau (1995), caracteriza de modo interessante acerca do desenvolvimento humano, no qual se destacam diferentes etapas. Outras obras importantes no trato das questões relativas à infância apresentam a relevância de se considerar a diversidade e diferenciações conforme o contexto cultural. Neste bojo, tem-se Simone de Beauvoir (2016 [1949]) e sua célebre reflexão em que afirma que “não se nasce mulher, torna-se”. Margaret Mead (1948) influenciará com essa ideia de que nós humanos não nascemos da maneira que nós somos, pois aprendemos de acordo com o nosso contexto, com a nossa realidade de classe, em termos de faixa etária com os nossos pais, em termos de relação com a religiosidade, em termos, também, das profissões, e uma série de outros aspectos.

2. Juventude indígena Tembé? O que se diz a esse respeito?

Os Tenetehar-Tembé, ou apenas Tembé, são membros do povo *Tenetehar* ou *Tenetehara*, que foram diferenciados em dois subgrupos: os Guajajara do ramo Tenetehar - oriental (aldeados no estado do Maranhão) e os Tembé do ramo Tenetehar - ocidental (aldeados no estado do Pará). Os Tenetehar-Tembé, ou apenas Tembé, sofreram um forte “processo de aculturação” ao longo dos tempos e, a exemplo do que aconteceu com outros povos, eles resistiram e evitaram que muitos de seus elementos culturais desaparecessem, dentre os quais podemos destacar: a Festa do Moqueado/ Festa da Menina Moça, uma festa ritualística que comemora a passagem da puberdade para a vida adulta e que está estritamente ligada com a medicina tradicional deste povo.

Para Ferreira (2007), a medicina indígena é constituída por um sistema xamânico imerso em um contexto cosmológico particular, assim, a saúde e a doença, para esses povos, estão associadas não somente ao físico, mas ao espiritual, como podemos observar na fala do Senhor Chico Rico, ao explicar a relação que a Festa do Moqueado tem com a saúde das meninas que “se formarão”.

Essas festas que a gente faz também é uma ajuda na saúde. Se forma uma menina [menstrua], se deixar ela assim, então ela sente sempre uma coisa na cabeça. Uma menina meio doida assim. Tem que ter a festa, tem que se guardar. A menina se pintou não pode ir próprio tomar banho, não pode andar sozinha por aí, não pode fazer nada. Se ela fizer alguma coisa... Porque no chão tem bicho, em cima da terra tem bicho, no ar, nas árvores tem bicho, dentro da água tem bicho (depoimento de CHICO RICO em ASSIS, 2011).

3. O ritual da Festa da Menina Moça

Para este estudo, houve pesquisa e revisão bibliográfica e pesquisa de campo realizada com o povo Tembé da terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), situada em Santa Luzia do Pará, município localizado na região nordeste do Estado do Pará. Para tanto, foram empregados os métodos da observação participante (MALINOWSKY, 1979) e outros elementos etnográficos. A partir desta pesquisa, verificamos que a Festa da Menina Moça marca um período de transição da puberdade para a vida adulta, como mencionado anteriormente, e é constituído por três momentos: 1) a fase da tocaia; 2) a fase do mingau - que na língua Tembé se chama *pinakapememeke*; 3) e o *wira'u-haw*, conhecido como Festa do Moqueado (COELHO, 2014). O ritual tem seu marco inicial durante a primeira menarca da menina, que ocorre entre 9 e 12 anos. A menina, agora moça, é pintada pelas mulheres mais velhas da família com jenipapo (*Genipa americana L.*), que tem função preventiva contra as *karumaras* (espíritos que interagem com os humanos e que controlam suas próprias residências, água, mata, terra), bem como auxilia na fertilidade. Caso não seja feita a pintura no corpo da moça, ela “estará sujeita” a diversas doenças, entre elas, a loucura.

Em seguida a moça é isolada do restante da aldeia em uma cabana, a tocaia, permanecendo lá até o desaparecimento de sua pintura. Durante esse período, ela mantém contato somente com a mãe ou com um outro parente mais próximo, para lhe auxiliar na alimentação – é importante salientar que, na fase de toda a tocaia, a moça segue uma dieta rigorosa de plantas e mingaus para precaver possíveis doenças.

O fim da tocaia simboliza o início do segundo momento do ritual, a *pinakapememeke* ou Festa do Mingau. A moça iniciada tem seu rosto pintado com pintinhas, que simbolizam a pintura da onça, e seu corpo tem a pintura da lua. Durante o dia, a moça prepara um mingau de mandioca (*Manihot utilissima*), onde cada etapa do processo de preparo desse mingau faz parte da preparação da moça para a vida adulta, por exemplo: o fato da moça pisar na mandioca que será utilizada no mingau, para fortalecer suas pernas; parte da mandioca é passada em seu corpo, principalmente nas articulações, para que a moça não adoça com facilidade; o vapor do mingau é sentido por ela em seus seios, para que ela seja uma boa mãe; por fim, o mingau é servido pela moça para os parentes e demais convidados durante a noite toda, ao som de maracás e cantoria dos velhos (pajés, cantores).

A terceira fase da festa, *wira'u-haw* ou Festa do Moqueado, é realizada no verão que sucede a Festa do Mingau; todas as moças que menstruaram antes do *wira'u-haw* e passaram pelas duas primeiras fases do ritual participam desta terceira também. Agora entram os rapazes que serão seus pares, podendo ou não ser seus futuros companheiros. Primeiramente, as moças são banhadas com jenipapo (*Genipa americana L.*) e, durante seis dias, dançam em pares com outras moças. Os rapazes, seus possíveis pretendentes, dançam também em pares com outros rapazes iniciados atrás das moças. No sexto dia é o ápice de todo o ritual; ocorre durante o dia e à noite em uma “ramada” (um barracão instituído pelos Tembé como centro de encontros, reuniões e manifestações culturais). A

Festa do Moqueado recebe tanto convidados indígenas (podendo até ser de outras etnias) quanto não indígenas, humanos e não-humanos (*karumaras*).

A festa se inicia por volta das 15:00, a moça iniciada e o rapaz definido para dançar com ela durante o *wira'u-haw* são pintados e cantam e pulam o *kae-kae* (categoria de dança nativa); às 18:00, eles se recolhem na ramada – os demais convidados, junto com os cantores, continuam a celebração no terreiro, em frente à ramada, durante a noite toda. Às 5:00 da manhã, as mulheres mais velhas entoam um canto para os espíritos da floresta, pedindo proteção para as moças e os rapazes, enquanto os convidados se aproximam do local; a franja das jovens iniciadas é cortada e em seus corpos é passada a carne de um pássaro, o “inhambu”, simbolizando que, a partir daquele momento, elas poderão comer qualquer tipo de alimento e que isso não lhes fará mal.

O moqueado é preparado do lado de fora da ramada – caças de diversas espécies que serão defumadas, misturadas com farinha de mandioca, socadas em um pilão, transformadas em bolinhos e servidas pelas moças aos convidados. Em seguida, o festejo é retomado, a cantoria começa a ser entoada pelos pajés, as moças agora dançam com o rapazes, vários guerreiros se aproximam da ramada portando cestarias com caças de diversos animais, dentre os quais está presente a guariba (*Alouatta guariba*). Portando um capacete e saia, a guariba é usada para testar as moças e os rapazes iniciados, onde o condutor da guariba faz diversas “piadas” e brincadeiras usando o animal. Aquele que perder a seriedade não é considerado virgem, estando, dessa forma, despreparado para uma maternidade/paternidade saudável.

É de total importância que as moças iniciadas sejam virgens, caso contrário, punições naturais cairão em cima dos convidados e de todos os participantes da festa, como mostra o relato de Dona Maria Tembé:

Teve uma festa lá em *Itaputyr* que deu uma diarreia em todos os convidados, todo mundo adoeceu! A gente, foi, foi até que descobriu que uma moça não era mais virgem e que ficou com vergonha de dizer porque ela já tava se preparando pra festa (Maria Tembé, entrevista concedida em novembro de 2015).

A festa é encerrada depois de sete dias de celebração, com moças e rapazes iniciados tendo seus pés calejados, por terem dançado durante todo esse período, parando somente para fazer as refeições e dormir. Observou-se que o sentimento de fazer algo tão importante para a cultura de seu povo lhes dá força para encarar todo o ritual. A festa da moça possui importância substancial para a organização social, econômica e política do povo Tembé, contribuindo para a afirmação e resistência da cultura e identidade deste povo.

NOTAS CONCLUSIVAS

A juventude é algo dinâmico. Portanto, não é algo estático, fechado e único, não é atribuído como sendo positivo ou negativo, ou seja, são seres humanos que estão nesse momento da sua vida, com determinadas particularidades, assim como crianças, como velhos e como adultos. E isso faz com que tenhamos a dinamicidade da sociedade, porque estamos, cada um de nós, em tempos diferentes de nossas vidas, experienciando etapas específicas: são tempos diferentes num tempo único.

A infância é tomada neste estudo a partir da perspectiva das Ciências Sociais, ou seja, aquilo que se apreende socialmente como sendo a infância. Neste sentido, destacamos a importância de

investigar a partir da diversidade, isto é, em termos plurais. Tal procedimento possibilita que haja entendimento acerca da questão envolvendo a juventude, pois ela é marcada por essa percepção social. Assim, se para a sociedade não indígena a juventude é valorizada e considerada como algo positivo, isso pouco ou sequer ocorre na sociedade Tenetehara-Tembé.

A partir dos questionamentos sobre o que é ser jovem ou adolescente, ou o que é ser criança ou infante, desenvolvemos a pesquisa com a intenção de compreender estas reflexões no contexto do povo Tenetehara-Tembé, precisamente, a importância do ritual da Menina Moça no fortalecimento da identidade e cultura deste povo. Constatou-se que, ao longo da interação cultural abrangendo indígenas e não indígenas, as práticas terapêuticas tradicionais dos Tenetehara-Tembé, que envolvem prevenção e cura, tiveram um enfraquecimento em relação às práticas medicinais ocidentais. Entretanto, estas práticas não se perderam por inteiro em meio ao saber racional e tecnicista do “homem branco”. Contudo, percebe-se que o ritual da menina moça possui importância substancial para a organização social, econômica e política deste povo (PONTE, 2014), contribuindo, assim, para a afirmação e resistência de sua cultura e identidade.

REFERÊNCIAS

- ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981 [1960]
- ASSIS, Eneida Correa de (Org.). *Levantamento preliminar das referências culturais do povo indígena Tembé da Terra Indígena Alto Rio Guamá* – Relatório Final, IPHAN, 2011.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016 [1949].
- BRASIL, *Lei N° 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.
- COELHO, José Rondinelle Lima. (Dissertação de mestrado) *Cosmologia Tenetehara Tembé: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto Rio Guamá* – PA. 2014.
- FERREIRA, Luciane Ouriques. Limites e possibilidades da articulação entre as medicinas tradicionais indígenas e o sistema oficial de saúde. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Medicina Tradicional Indígena em Contextos – Anais da I Reunião de Monitoramento*. OURIQUES, Luciane Ferreira e OSÓRIO, Patrícia Silva (Org.). *Projeto Vigisus II/Funasa*. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2007.
- MALINOWSKY, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MEAD, Margareth. *Male and Female*. New York: William Morrow and Co. Inc., 1948.
- PONTE, Vanderlúcia da Silva. (Tese de doutorado). *Os Tenetehara-Tembé do Guamá e do Gurupi, povo verdadeiro: “saúde diferenciada”, território e indianidade na ação pública local*. PPGCS/UFPA, Belém, 2014.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio, ou Da Educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985 [1762].